

A FUNÇÃO DA ESCRITA NA NEUROSE E NA PSICOSE

Daiana Trintim de Jesus
Universidade Veiga de Almeida (UVA/CAPES)
daiana_trintim@icloud.com

Richard Harrison Couto
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Universidade Veiga de Almeida (UVA)
richardmoz@gmail.com

Resumo: Propomos uma aproximação da psicanálise com a literatura de James Joyce a fim de oferecer elementos para compreensão da diferença quanto ao estatuto da escrita na psicose e na neurose. Para tanto, abordaremos um recorte da tese de doutoramento em andamento, que se dará por meio de revisão de literatura psicanalítica sobre a função da escrita. Partimos do pressuposto de que na neurose o fator operante da escrita se dá pela via da sublimação, como um direcionamento do mal-estar, resultado da renúncia pulsional para viver em sociedade. Enquanto na psicose, a escrita se daria de uma forma peculiar, atuaria pelo *sinthoma*, uma via de suplência diante da falta de inscrição de um significante primordial na inserção do sujeito na linguagem.

Em *As pulsões e seus destinos*, Freud (1915) aborda os diferentes destinos da pulsão, nos limitaremos, neste trabalho, à sublimação. A sublimação, para Freud (1915), diz respeito ao desvio das pulsões sexuais ou agressivas de seu alvo original na direção de uma finalidade diferente, por meio de atividades socialmente valorizadas como o trabalho intelectual, a ciência ou da arte. Através desse processo, seria possível a satisfação pulsional indiretamente, contudo, sem o conflito neurótico.

Freud (1910) defende que a sublimação parece ter funcionado para Leonardo da Vinci. “Pesquisou-se, em vez de amar. Talvez por isso a vida de Leonardo tenha sido tão mais pobre em amor do que as de outros grandes e de outros artistas” (Freud, 1910, p. 86). Segundo ele, seus afetos teriam sido docilizados e dominados pela sublimação, que os direcionou por uma via de dupla coexistência para da Vinci, como artista e pesquisador. Enquanto na compreensão de Freud a sublimação estaria relacionada a um desvio da pulsão, na perspectiva lacaniana, esse processo se associa mais ao gozo e à

satisfação da repetição. Sua atuação se daria, portanto, como modo de organização em torno do vazio, como borda do real.

No *Seminário 7*, Lacan (1959-60) faz uma analogia ao vaso heideggeriano para explicar a noção de criação a partir do nada - *ex-nihilo* – e como esta opera na construção de sentido em torno do vazio. Na medida em que o oleiro constrói o vaso dando forma a partir do nada, o significante faria o mesmo percurso em torno do furo por meio da criação na sublimação. Para Lacan (1959-60), a sublimação viabiliza uma tentativa de representação de *das Ding*, a Coisa freudiana - por meio da criação significante de um objeto.

Devido à *das Ding* ser o objeto para sempre perdido, a sublimação é o processo que consiste em elevar o objeto à dignidade da Coisa, na medida em que esse objeto é criado. Daí a afirmação de que “o homem é o artesão de seus suportes” (Lacan, 1959-60, p. 150). A sublimação seria uma espécie de desvio quanto à satisfação direta, ao gozo absoluto, visto que, estaria mais em pauta a meta da pulsão do que o objeto em si (Ligeiro, 2024).

No *Seminário 16*, Lacan (1968-69) relaciona a sublimação ao gozo, explicitando-o por meio da anatomia do vacúolo, que funciona como um equivalente do gozo por edificar uma estrutura de borda. Nela, o objeto *a* opera fazendo cócegas por dentro de *das Ding*, promovendo o gozo. Este constitui, essencialmente, o mérito da obra de arte. Sob essa perspectiva, a sublimação estabelece uma organização que introduz a estrutura de borda ao produzir um novo alvo para a pulsão. No entanto, essa via de atuação só seria possível no caso da neurose e não da psicose.

Na perspectiva psicanalítica, neurose e psicose são estratégias defensivas a fim de evitar um fragmento da realidade que se apresenta de forma traumática. A diferença determinante reside no mecanismo de defesa, enquanto na neurose o sujeito recalca esse fragmento insuportável, na psicose ocorre a rejeição desse elemento (Freud, 1924).

Em Freud (1911), – no caso Schreber – aquilo que foi internamente abolido reaparece fora, já em Lacan (1956), o que foi recusado pelo simbólico retorna no real. Assim, na neurose, o sujeito responde à castração pelo mecanismo do recalque e o retorno desse material psíquico ocorre pela via do simbólico - pelo registro da linguagem -, já na psicose, a resposta é a

foraclusão e seu retorno se dá pela via do real, através do delírio, da alucinação e fenômenos corporais.

No *Seminário 21*, Lacan (1973-74) propõe o modelo topológico do nó borromeano, sustentado por três elos – Real, Simbólico e Imaginário – que, articulados, representam os registros fundamentais que estruturam o sujeito e a realidade psíquica. O real corresponde ao pulsional, ao gozo, o imaginário diz respeito ao corpo e a imagem de si, já o simbólico abarca a dimensão da linguagem.

Os três elos são amarrados entre si, de forma que ao soltar um os demais se desprendem. O Nome-do-Pai é o significante que mantém esses três elos unidos, é o que sustenta o alicerce psíquico. A falha da inscrição desse significante faz com que os elos se soltem e a psicose pode ocorrer como resultado. No entanto, há diferentes possibilidades, significantes que podem exercer essa função de sustentação, ou seja, vários Nomes-do-Pai (Lacan, 1973-74).

No *Seminário 23*, Lacan (1975-76) propõe que a escrita pode atuar como suplência em alguns casos. Ele denomina *sinthoma* o quarto elo de sustentação que permite ao sujeito suprir o significante foracluído. Para ele, Joyce seria um "artesão" pelo fato de o autor não se limitar à produção literária convencional, mas operar uma verdadeira manipulação topológica da linguagem. Por meio de neologismos e homofonias, Joyce utiliza sua peculiar relação com as palavras para estabilizar o gozo e estruturar sua própria imagem corporal.

Ao buscar a decifração da obra de da Vinci, como um sintoma a ser desvendado, Freud guia-se por um viés interpretativo. O ensino de Lacan estava organizado, no início, a partir do simbólico, já ao final, ele toma o caminho do real (Miller, 2014), promovendo o conceito de letra apontando para a impossibilidade deste último em responder por tudo o que está em jogo em uma análise (Mandil, 2003). Lacan (1975-76) não pretendia decifrar Joyce, mas apontar como ele cifra, como se dá seu *savoir-faire* na forma de escrita quanto a seus desafios de vivências do cotidiano.

Sua produção literária atuou como *sinthoma*, suplência à carência da função paterna, operando como uma ancoragem subjetiva que evitou o surto psicótico e garantiu sua estabilização no laço social. Ao converter o próprio

sintoma à condição de suporte de sua arte, Joyce transformou aquilo que estava no campo de gozo em uma obra de reconhecimento público. Quanto à sublimação, esta operou em da Vinci, como forma de direcionamento pulsional para atividades socialmente valorizadas.

Em ambos os casos, tratam de diferentes modos de lidar com o gozo, porém, cada um a partir de sua estrutura. Dessa forma, enquanto a sublimação trata o gozo do corpo, o *sinthoma* diz respeito àquilo que o sustenta. Os efeitos da escrita para Joyce parecem ter dado suporte à articulação entre os elos RSI. Sua habilidade com a escrita exerceu um suporte do significante foracluído, enquanto, para da Vinci, a escrita operou como um redirecionamento de gozo por meio da sublimação ao elevar o objeto à dignidade da Coisa.

Palavras-chave: escrita; neurose; psicose; sublimação; *sinthoma*.

Referências:

FREUD, S. Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. In **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Arte, literatura e os artistas. (pp. 69-166). Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Texto original publicado em 1910)

FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O Caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros trabalhos. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. (vol. 12, pp. 13-89). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Texto original de 1911)

FREUD, S. As pulsões e seus destinos. In **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. (pp. 13-72). Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Texto original publicado em 1915)

FREUD, S. Neurose e psicose. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. (v. 19, p. 167-173). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Texto original publicado em 1924)

LACAN, J. **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Trabalho original publicado em 1959-60)

LACAN, J. **O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Trabalho original publicado em 1968-69)

LACAN, J. **O Seminário, livro 21: Os não-tolos erram / Os nomes do pai**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. (Trabalho original de 1973-74)

LACAN, J. **O Seminário. livro 23: o *sinthoma***. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
(Texto original publicado em 1975-76)

LIGEIRO, V. M. **O triunfo do real: arte e psicanálise**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2024.

MANDIL, R. **Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

MILLER, J. A. ***El ultimísimo* Lacan**. Buenos Aires: Paidós, 2014.